

**PALAVRAS DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES,  
GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES, NO DIA 9 DE ABRIL DE  
2015, DIA DO COMBATENTE, NA BATALHA**

Exmo. Senhor General Pina Monteiro, CEMGFA

Pelo segundo ano consecutivo, sua Exa o General CEMGFA dá-nos a honra de presidir a esta cerimónia do Dia do Combatente. Sabemos que tinha outras solicitações. Os Combatentes e a Liga dos Combatentes estão-lhe muito gratos pela sua presença e pelo apoio moral e material que as Forças Armadas vêm prestando às actividades da Liga dos combatentes.

Exmo. Senhor General António Ramalho Eanes, a sua estimulante presença na Batalha, no Dia do Combatente, respondendo afirmativamente ao nosso convite, honra os combatentes e dá a esta cerimónia a importância e o relevo que merece. Reconforta-nos termos connosco o combatente que Portugal inteiro respeita e admira.

Exma. Senhora SEADN Dra. Berta Cabral, mais uma vez representando o governo e o Ministério da Defesa Nacional em particular, está connosco num dos dias mais significativos das efemérides que anualmente evocamos. Junta-se igualmente a nós nas cerimónias que vão decorrer em Richebourg e La Couture na evocação da batalha de La Lys em honra dos que caíram e ali se encontram inumados. Muito obrigado pela sua significativa presença.

Exmo. Sr. Gen Chefe do Estado-maior da Força Aérea

Exmo. Sr. Alm Chefe do Estado-maior da Armada

Exmo. Sr. Gen Vice-chefe do Estado-maior do Exército

A vossa presença conjugada com a presença do Exmo. Senhor General CEMGFA, reunindo as mais altas entidades responsáveis pelas Forças Armadas, testemunha, ao observador atento, um sentimento de unidade e comunhão de sentimentos de profundo reconhecimento para com os combatentes e evidencia o alto

significado que atribuem a esta cerimónia. Um sentido obrigado dos combatentes aqui presentes.

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Batalha  
Exmo. Senhor general Chefe da Casa Militar de Sua Ex<sup>a</sup> o Presidente da República

Exmo. Senhor Gen Chanceler das Antigas Ordens Militares

Exmos Senhores Almirantes, Generais e Diretores Gerais

Exmo. Senhor Bispo das Forças Armadas e Forças de Segurança

Exmo. senhor Presidente da Câmara de Leiria

Exmo. Senhor Diretor do Mosteiro da Batalha

Exmo. Senhor Coronel Henriques

Exmos Senhores Presidentes das Associações de Combatentes aqui presentes

Exmos Senhores Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes Militares em formatura e porta guiões da Liga dos Combatentes e Associações de Combatentes

Caros Combatentes

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Continuamos no ano em curso a evocação do centenário da I GG, a comemoração dos 70 anos do fim da II guerra mundial e os 40 anos do fim da guerra do ultramar.

Para os combatentes, cruzam-se, na evocação destas efemérides, vários sentimentos antagónicos que evidenciam a tristeza de partir para a guerra, o medo de fazer a guerra, a coragem de a enfrentar, o ódio de ter que a conhecer, a alegria de a ver terminada, a honra de nela ter participado, o cumprimento de um dever, enfim o sentimento desse dever cumprido e o dever moral de se organizarem para preservar os valores por que se bateram e apoiar aqueles para quem a vida foi madrasta.

Hoje é dia de soldados, heróis e santos.

Neste lugar onde a cavalo se ergue, em pé, São Nuno de Santa Maria, padroeiro da Liga dos Combatentes, evocamos e encarnamos nele todos os soldados, heróis e santos que alguma vez, de armas na mão, conheceram campos de batalha, na defesa dos verdadeiros e superiores interesses de Portugal.

Hoje não homenageamos um Homem, um Combatente, um Soldado, uma batalha.

Hoje reabilitamos e reavivamos a memória, homenageamos gerações, um povo e suas Forças Armadas.

E por isso, hoje, é também dia de soldados desconhecidos, de soldados anónimos, mortos, vivos ou prisioneiros.

Hoje é Dia do Combatente de S. Mamede a Kabul.

Por isso, nos apresentamos aqui, mais uma vez, às Forças Armadas e ao país, nós os vivos, antigos combatentes, como exemplo a ser seguido, de alguém que serviu e se honra de o ter feito e continua defendendo os mesmos valores que justificaram a sua presença nos conflitos em que tomou parte.

Porque hoje é dia de leitura e promoção da nossa história é importante darmos relevo à história recente que toca profundamente a nossa geração.

Por isso sublinhámos as guerras mundiais, a guerra do ultramar e as operações de manutenção e imposição da paz com todos os seus horrores e consequências.

Permitam-me que reafirme hoje o que recentemente disse aquando de uma homenagem ao capitão Homem Ribeiro, herói em Naulila há precisamente cem anos.

“Sabemos o que temos ganho e perdido ao longo da nossa história. Geograficamente, desfizeram-se impérios - o império da Índia, o Império do Brasil, o Império de África - mas não perdemos o Império da Alma.

Império este, constituído por milhões de portugueses espalhados pelo mundo e por Portugal que importa aglutinar, aprofundar espiritual, patriótica, cultural e economicamente, ligando-os organizadamente em rede, reforçando o nosso conceito de Pátria.

Desenvolvendo assim a nossas Forças Morais e Materiais, como factor do nosso Potencial Estratégico Nacional.

O século XX e o século XXI contribuíram para a evidência da necessidade desse Império da Alma português ser factor importante para a nosso comportamento e força, nos organismos internacionais como a ONU, a UE ou a CPLP.

Naulila, episódio da guerra em Angola, e a guerra em Moçambique a partir de 1914, bem como a guerra do Ultramar, para isso contribuíram.

Três constantes importa, em permanência, ter em consideração e evidenciar.

Em primeiro lugar, recordar que durante todo o século XX e XXI as nossas forças armadas empregues na grande guerra, na guerra do ultramar e nas operações de paz, nunca iniciaram as hostilidades nem invadiram nunca nenhum país, nem território.

Uma segunda constante evidencia que as nossas forças armadas foram sempre empregues longe da sua base de retaguarda, a milhares de Km de distância, num esforço hercúleo. Assim aconteceu na Grande Guerra, na Guerra do Ultramar e acontece hoje nas Operações de Manutenção da Paz.

São duas constantes históricas que prologam a nossa trajectória secular e acrescentam valor à nossa posição e figurino internacionais.

Finalmente uma terceira constante- o pessimismo, o derrotismo- que importa combater frontalmente com base na investigação e no estudo histórico e científico do factor militar, nos conflitos em que tomámos parte no seculo XX e XXI.

É frequente tratar a nossa participação militar na Grande Guerra, nomeadamente em La Lys, como uma grande derrota militar.

De Naulila, fala-se de “desastre” e de “tragédia”.

Da guerra do ultramar há quem afirme que perdemos a guerra. Para além da comunhão de afectos num verdadeiro Império da Alma que importa desenvolver, há que, para o fortalecer, eliminar a tendência para evidenciar a leitura negativa dos factos, olhando sistematicamente para o negativo que surge para lá do monte e nunca para o positivo que se nos apresenta, quando olhamos para lá do horizonte.

Em La Lys, integrados no I Exército Inglês, sofremos com eles a rotura da frente perante uma ofensiva poderosa, contribuímos para que a retirada permitisse a continuação da batalha noutra frente e cinco meses depois desfilávamos em França celebrando a vitória daqueles com quem nos tínhamos aliado. Em termos de estratégia operacional e geral vencemos.

Em Naulila, depois de um primeiro êxito português em Outubro, seguiram-se retaliações que culminaram com a confrontação em 18 de Dezembro, entre 8000 efectivos alemães e 2000 efectivos portugueses. Após o confronto de que resultaram 12 mortos e 30 feridos do lado alemão e 69 mortos e 76 feridos do lado português, ambas as forças retiraram ordenadamente, sem perseguição e da parte das forças alemãs foi enviado emissário apelando à paz. Nenhum dos lados de pode considera vencedor. A acção contribuiu decisivamente para que após reforços o general Pereira D'Éça pudesse restabelecer a ordem e as fronteiras que ainda hoje vigoram entre dois países independentes. Naulila não deve pois ser vista como uma tragédia ou um desastre, mas como uma

contingência tática que contribuiu para uma vitória da estratégia operacional e geral, garantindo a manutenção das colónias por parte de Portugal.

Quanto à guerra do ultramar é bom que reafirmemos que as Forças Armadas, ressaltando a Índia portuguesa, nas condições conhecidas, não perderam a guerra, como por vezes se lê e ouve.

É pois importante que neste momento em que se aprofunda e investiga a história destes acontecimentos bélicos, que se sublinhe e se desenvolva uma leitura positiva e abrangente em termos militares, abandonando de vez, a leitura catastrófica de episódios menos felizes em termos táticos mas que se valorizam se os enquadrarmos em termos estratégicos e mesmo políticos.

E só com esses olhos que podemos estar aqui valorizando os feitos do soldado português.

É essa leitura positiva dos feitos de então que nos enche de orgulho e honra, ainda que mesmo nessa leitura positiva dos factos a morte enlute os nossos corações. Faço votos por que, dentro de décadas, as gerações de hoje, tenham o mesmo posicionamento de respeito, orgulho e apreço para com os militares que fizeram a guerra do ultramar, que nós, que a fizemos, temos para com aqueles que caíram na Grande Guerra.”

Permitam-me que cite três presidentes da República quando neste dia aqui estiveram por motivos idênticos aos de hoje.

Dizia o Presidente Jorge Sampaio: - Homenageamos assim todos os militares que ao longo dos séculos, caíram por Portugal, ao serviço da perenidade da Pátria. É esta a forma de os lembrarmos, os honrarmos, de reiterarmos a nossa confiança no nosso desígnio nacional e de ao mesmo tempo motivarmos a juventude portuguesa para servir o país também nas fileiras das Forças Armadas, de que todos legitimamente nos devemos orgulhar.” E mais adiante “Esta homenagem da República deixa claro que a perenidade de Portugal

está intimamente associada aos milhares dos seus soldados que morreram em combate. Não há grandeza maior do que a daqueles que morreram sem se quererem heróis.”

E dizia o General António Ramalho Eanes na sala do capítulo “ Creio que Eles esses combatentes- heróis- e a Pátria, também, nos aconselham, se é que não nos exigem, mesmo, que honremos o seu exemplo e memória para que, não sem emoção profunda, mas reflexivamente também, olhemos todos nós portugueses, o exemplo que nos legaram como estímulo activo para uma responsabilidade social mais operatória”.

E finalmente o Presidente Cavaco Silva presidindo a esta mesma cerimónia afirmou: “ A responsabilidade de enviar militares para a guerra implica que se lhes proporcione as melhores condições para o sucesso. Impõe-se uma unidade de esforço na acção política e uma retaguarda militar sólida, sem as quais o emprego das Forças Armadas, não é eficaz nem democraticamente aceitável.

La Lys foi um testemunho sublime e pungente de determinação e coragem de militares que, praticamente esquecidos nos lamaçais das trincheiras da Flandres escolheram honrar Portugal naquele que foi um dos mais dramáticos hinos à capacidade de sofrimento e de amor à Pátria do soldado português”. (fim de citações)

Enfim os combatentes afirmam-se perante a Nação e os Presidentes da República têm estado presentes a seu lado.

Só assim fará algum sentido o sacrifício de tantos combatentes que nos precederam e que hoje aqui homenageamos.

Homenagem em que a simbólica coroa de flores e o ressonante toque de clarim materializam profundamente. Termino pois com um poema que intitulei:

## DA FLOR E DA MÚSICA

Os que encontram na flor  
Meigo incentivo e calor  
Aos que na guerra caíram  
E a Pátria não traíram,  
São quem busca na música  
Verdadeira força telúrica  
Capaz de dar ao clarim  
O sentimento triste de um fim  
Seguido de esperança clareada  
Pelo toque alegre da alvorada.

Os que vivos cantam a glória  
E dos mortos conservam a memória  
Não esquecem que de arma na mão  
Defenderam de alma e coração,  
Os valores, as gentes e os avós  
Que o mesmo fizeram antes de nós.  
E se Portugal quiser continuar a ter  
Homens iguais aos que a História deixa ver  
Deem à flor e à música, o significado  
Que o combatente dá ao seu país amado.